

A QUESTÃO DA INDIVIDUALIDADE MODERNA NA SOCIOLOGIA MENOR DE G. SIMMEL

(Resenha a SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006)

Antonio Crístian Saraiva Paiva*

Num texto em homenagem a um dos autores clássicos do cânone da literatura ocidental, G. Deleuze e F. Guattari (1977) equivocam os hábitos da crítica literária ao caracterizarem a obra de seu homenageado, a saber, Franz Kafka, como sendo uma “literatura menor”. Em que consistiria, então, o minoritário, na obra de Kafka? Ou, o que seria uma literatura menor? Os autores apontam três características da literatura menor: ela introduz um coeficiente de desterritorialização no sistema da língua maior; trabalha num espaço exíguo, microscópico, no qual “cada caso individual é imediatamente ligado à política”, em contraponto à formação de blocos em amplo espaço da literatura maior; e aponta o “agenciamento coletivo de enunciação”, e nesse estado de “raridade”, “tudo adquire um valor coletivo”, permitindo conceber outra coisa que não “uma literatura dos mestres”. Opondo, assim a literatura menor à literatura maior, de mestres, os autores apontam, em seguida, que “grande e revolucionário, somente o menor”, e daí a pertinência para nós dos problemas de uma literatura menor: “como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba. (...) Estar *em* sua própria língua como estrangeiro; “servir-se do polilingüismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo”, seguindo “linhas de fuga criadoras”** ...

Aproveito, por minha própria conta, essa caracterização do “minoritário”, para evocar a obra de um outro autor, não mais no campo literário, mas no da teoria social: o alemão Georg Simmel (1858-1918), que se localiza (ou se localizou), relativamente ao cartel dos “pais fundadores” e de sua inserção nos quadros institucionais acadêmicos da ciência social, numa posição de marginalidade e “inexpressividade oficial” (Moraes Filho, 1983: 08). Teríamos em Simmel uma sociologia menor?

* Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

** Os trechos citados encontram-se no capítulo 3 da obra resenhada.

Para além do “calvário acadêmico” de Simmel^{***} (Vandenberghe, 2005: 35), tornaram-se já anedóticas as antonomásias cunhadas em torno de sua figura enquanto intelectual: alguém “cheio de espírito”, “outsider” da teoria social de sua época (Lukács, 1993: 201), “ciscador dispersivo de vários terrenos” (Moraes Filho, 1983: 10), “esquilo filosófico pulando de uma avelã a outra, preocupado apenas em roê-las” (Ortega y Gasset), “acrobata intelectual”, “bricoleur”, “flâneur sociológico” (Vandenberghe, 2005: 47, 198, 40), “virtuoso na forma do ensaio” (Waizbort, 2000: 11), “exibicionista acadêmico”, “arrogante no uso do método empírico” (Giddens, 1971: 150, 156), além ainda de todos os rótulos atribuídos a seu pensamento: “vitalismo, relativismo, esteticismo, formalismo, irracionalismo, psicologismo, impressionismo e tantos mais” (Waizbort, 2000: 11)...

Estaríamos diante de um fazer sociológico minoritário, desterritorializador de fronteiras, disciplinas e objetos? O nomadismo dos temas (quer solenes, quer anódinos) e do repertório teórico (sociologia? filosofia? literatura? seria a enciclopédia chinesa de Borges que Foucault evoca em *As palavras e as coisas?*), a insistência na extração estética das interações humanas (*Wechselwirkungen*), rubricado como “panteísmo estético”, como “filosofia da vida”, essa “poetização do social”, manifestada na atenção à multiplicidade das “respirações sociais” (Maffesoli, 2005: 235s), tudo isso fala de uma inquietação do pensamento, de uma intensividade, de um polilingüismo, de uma reflexão sociológica “cigana” (mas nem por isso menos rigorosa, já que, segundo apontou Bourdieu, o rigor se opõe à rigidez, isto é, à morte da inteligência...), que nos faz reevocar aquela idéia do “minoritário” no exercício do pensar e do fazer sociológicos, que recusa modelos ‘santificados’ de sociedade (Giddens, 1971: 151), e se dedica, mediante um estilo criativo e original, à construção de uma *teoria relacionista da modernidade* (Vandenberghe, 2005), destacando elementos importantes da tragédia cultural moderna: o surgimento da vida nas metrópoles, o advento do dinheiro e a separação das esferas da cultura objetiva e subjetiva, das formas e conteúdos das sociações (*Vergesellschaftungen*), em que a “raridade”, o “microscópico” nos permitem acesso ao valor coletivo de enunciação e de produção da subjetividade moderna. Uma sociologia menor, então?

De qualquer modo, o mote de uma *kleine Soziologie*, certamente cabe pelo menos no sentido de que este texto, *Grundfragen der Soziologie (Individuum und Gesellschaft)*, traduzido em português como “Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade”, teve como propósito apresentar-se como um resumo da portentosa obra de Simmel *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (1908). Na “intertextualidade” das obras de Sim-

^{***} Julgo importante destacar, junto com Waizbort, que tal “calvário” acadêmico não foi desejado por Simmel, bem ao contrário: “a sociologia surgia, para o Simmel da época, como uma possibilidade de inserção profissional, e seus esforços na delimitação da ciência precisam ser compreendidos na mesma medida como esforços pela sua institucionalização. E isto significa, ainda, o esforço para obter uma posição acadêmica, uma cátedra” (2000: 516). Possibilidade de inserção postergada indefinidamente pelo anti-semitismo da instituição universitária da época. Isto é: impossibilidade de inserção. Aqui, mais uma vez, retomamos Deleuze e Guattari, quando os mesmos, a propósito de Kafka, indicam “o beco sem saída que barra aos judeus de Praga o acesso à escritura e que faz da literatura deles algo impossível” (1977: 25).

mel, costuma-se referir-se esta última como a *grande Sociologia*, enquanto a primeira obra é tomada como a *pequena Sociologia*...

Assim, das grandes obras de Simmel, a primeira que chega em versão integral ao leitor brasileiro, é precisamente, esta pequena Sociologia... Espantoso que um autor tão citado e agora tão em voga nos debates dos cientistas sociais ainda não tenha merecido do mercado editorial brasileiro a publicação de sua obra integral ou pelo menos das obras mais significativas, tais como a grande *Sociologia*, *Filosofia do dinheiro*, a *Sociologia estética*, *Sociologia e epistemologia*, etc. No entanto, para sermos justos, cabe dizer que este não é privilégio de Simmel. Há vários “clássicos” que não mereceram tradução de suas obras principais, ou que tiveram edição esgotada e não reeditada. Neste contexto, esta Nova Biblioteca de Ciências Sociais, dirigida por Celso Castro, deve ser saudada entre nós, por fazer circular, alguns por primeira vez, como é o caso do livro de Simmel, textos clássicos das ciências sociais.

Preparado portanto, em 1917, como resumo da sua grande obra de 1908, mediante solicitação de alunos, poucos antes de sua morte, este livro tem a sorte de obras que possuem as mesmas feições: obras de maturidade, preparadas em proximidade da morte do autor, num formato compacto. Lembro como texto que possui o mesmo perfil o ensaio de Sigmund Freud “Esboço de psicanálise”, no qual o inventor da psicanálise pretende fornecer uma apreciação sintética dos achados de sua ciência. O caráter conciso do texto engana-nos em relação à facilidade de leitura. Do mesmo modo que o *Esboço* não é propriamente obra introdutória, obra para principiantes, as *Questões fundamentais da sociologia* também prestam-se mal ao papel convencional de livro “introdutório” ao pensamento de Simmel (inclusive, a introdução de seções, tópicos e subtítulos nos capítulos já é operação do organizador do texto em inglês, que o tradutor brasileiro consultou e seguiu). De fato, trata-se de um texto que nos lança de um golpe só no projeto sociológico do autor, sem notas explicativas, sem discussão de conceitos importantes (interação, sociação, dualismos forma x conteúdo, cultura objetiva x cultura subjetiva, etc.), enfim, sem muito amparo ao leitor iniciante na obra do eminente sociólogo alemão.

O livro compõe-se de quatro capítulos, e logo no capítulo inicial aponta (num claro deslocamento analítico em relação ao conhecido primeiro capítulo da grande Sociologia, *O problema da sociologia*), um quadro amplo e lábil de perspectivas sociológicas (os capítulos 2, 3 e 4 da pequena Sociologia são “exemplos de sociologia”: sociologia geral, sociologia formal ou pura e sociologia filosófica), no qual as relações entre individualidade e cultura se colocam como questão privilegiada, como “pólos fundamentais da própria idéia de cultura filosófica” (Waizbort, 2000: 532, 491) que é a marca característica de sua sociologia e de sua análise da modernidade. Assim, nesta pequena sociologia, o eixo do livro é a tematização sociológica da *relação entre indivíduo e sociedade*, questão que é coetânea à fundação da sociologia como disciplina com pretensão científica, e que reaparece com toda a força neste início de segundo século da ciência da

sociedade. Isto por si só não deixa de interessar: como um tema “canônico” muitas vezes é abordado como temática “emergente”...

Se os “pais fundadores” da ciência social, cada qual com uma conceitualidade própria, tentaram resolver ou melhor, tematizar tal relação, apontando zonas de atrito, disjunções, diferenças de níveis (este um termo usado por Simmel) entre a esfera do indivíduo (subjetividade, eu, personalidade, motivações, impulsos, vida pessoal, representações individuais, fatos psicológicos, nível da ação, dos atores, do vivido) e da sociedade (determinações exteriores, relação com a alteridade, com os imperativos sociais, nível da estrutura, do sistema, da impessoalidade), com Simmel este problema se configura como eixo da reflexão filosófico-sociológica da modernidade: “O problema verdadeiramente prático da sociedade reside na relação que suas forças e formas estabelecem com os indivíduos – e se a sociedade existe dentro ou fora deles” (p. 83).

Pensar uma outra topologia da relação indivíduo-sociedade, atentando tanto para a disjunção de níveis, mas não deixando por outro lado de enfatizar a “imanência da sociedade no indivíduo” (p. 83). Em Simmel esta topologia barroca, enviesada, cheia de dobras, pregas, entre os níveis individual e social, aponta para a dupla natureza do ser humano (*homo duplex*): ao mesmo tempo em que a sociedade lhe é imanente, o indivíduo não se resume a ser membro integrante do grupo social. Daí a retomada da idéia kantiana do antagonismo da “sociabilidade insociável” do homem: “o indivíduo sempre é mais – e outra coisa – do que apenas um membro da sociedade” (Vandenberghe, 2005: 99), mas deve necessariamente recorrer às formas de sociação disponíveis para realizar a obra de sua vida: *Werde, der du bist!* – tal como a formula Nietzsche. Assim, não há diluição do indivíduo no grupo (como num *monismo* sociologizante), mas nem por isso este lhe é oposto (como segundo o *individualismo*). O *interacionismo* ou o *relacionismo* de Simmel indicam, mais que uma oposição entre os pólos da individualidade e da cultura, a individualização como a outra face da socialização (Vandenberghe, 2005: 147), e entre cultura subjetiva e cultura objetiva, jogam-se jogos múltiplos, com respirações diversas e dialéticas relacionais sem síntese...

Se não há dúvida de que no plano epistemológico Simmel sustenta diversos dualismos (indivíduo x sociedade, mundo da vida x mundo do sistema, forma x conteúdo, etc), não devemos entender que tais dualismos possuam alcance ontológico, substancialista, como se, no caso da relação indivíduo-sociedade se tratasse de essências qualitativamente diferentes. O recurso aos dualismos, seu kantianismo, serve para melhor visualizar aquilo que singulariza cada um dos pólos da relação, e não é demais insistir que estes dualismos mesmos são construções cognitivas, sínteses intelectuais que o pensador usa para compreender os campos que investiga, fornecendo mapas cognitivos de compreensão do mundo, e não pretendendo um realismo de teor totalizante, como que mandatário autorizado de dizer a verdade do mundo...

Temos, assim, no primeiro capítulo, intitulado “O âmbito da sociologia” uma discussão sobre as controvérsias epistemológicas da sociologia como ciência. Fazendo uma discussão crítica, tal como todos os outros “pais fundadores” da ciência social, do conceito “abstrato” de sociedade, sugere de forma mais precisa a definição da sociedade como “interação psíquica entre os indivíduos” (p. 15), como uma realidade “tão subjetiva quanto objetiva” (idem), dependendo do “ponto de vista”, da “posição de distanciamento” (p. 14) que se empregue. Prosseguindo nesse esforço de redefinição, Simmel aponta: “a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação” (p. 18).

Sendo dessa forma redefinida para além do realismo e do fetichismo conceitual (“a sociedade não é uma substância, mas um acontecer”, p. 18), tal conceituação possibilita ir além dos “objetos tradicionais da ciência social” (p. 16), expressos nas formas cristalizadas e institucionalizadas de interação, permitindo estar sensível “toda a variedade policromática e a unidade dessa vida social tão clara e tão misteriosa” (p. 17), renovando o campo dos objetos e das abordagens sociológicas. O tratamento que Simmel dá a esses objetos não-solenes – a conversa, o segredo, a fidelidade, a carta, o estranho, a ponte, a coqueteria, a refeição, a moda, etc. – demonstra a idéia de que “há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como a conhecemos” (p. 16). A sociologia pode, nesse sentido, ser evocada como método de abordagem da vida social enquanto “produção social”, alternativo ao modo puramente individual e ao modo transcendental de compreensão da vida humana (p. 21).

O plano de exposição dos três capítulos seguintes nos é dado por Simmel na parte final do capítulo 1, onde destaca os três conjuntos de problemas que caracterizam a reflexão sociológica – 1. o estudo sociológico da vida histórica, no qual as categorias de interpretação e o método sociológicos desempenham papel de inteligibilidade da história humana enquanto produção social; 2. o estudo das formas sociológicas, que circunscribe a tarefa da sociologia como descrição das formas de interação da(s) sociedade(s), colhendo dos fenômenos estudados seu momento de sociação (p. 33); 3. o estudo dos aspectos epistemológicos e metafísicos da sociedade, que avançam na direção da cultura filosófica que subjaz à reflexão sociológica simmeliana, no seio da qual disputam entre si os vetores de sociação da cultura subjetiva e objetiva. Os outros capítulos podem ser lidos, portanto, como desdobramentos, ou exemplificações de cada um daqueles conjuntos de problemas.

O Capítulo 2: “O nível social e o nível individual (Exemplo de sociologia geral)” pontua as diferenças de nível entre o indivíduo e a massa, as hesitações do indivíduo e as determinações do grupo, evocando, por meio de uma linguagem genética, desenvolvimentista, evolutiva, o aprimoramento dos elementos e funções espirituais encarnados no desenvolvimento da individualidade (p. 43). Fala-se assim, por exemplo, na passagem dos elementos mais primitivos e inferiores para os mais sofisticados e mais novos, a diferenciação dos indivíduos como sinal da complexificação das relações sociais (p. 45), a superioridade do indivíduo sobre a massa, com o desenvolvimento de formas de pensamento não-consensuais e não redutíveis a emoções coletivas, com a complexificação de estilos e modos de interação, no qual a ligação entre as pessoas se dá a partir de círculos cada vez mais heterogêneos. Por meio dessa “mitologia” evolutiva do social, Simmel quer dar a ver dois processos simultâneos e aparentemente paradoxais que vão marcar a modernidade: incremento de sociabilidade e o recuo do nível social diante do nível individual.

O capítulo 3, “A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)” aponta o avanço da sociabilidade como forma de interação característica da modernidade. De início, Simmel apresenta uma sucinta distinção entre conteúdos e formas no estudo da vida social, destinando o estudo das últimas como seara da sociologia: “a sociação é a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam” (p. 60). O estudo dessas formas é precisamente mister do analista social. A sociabilidade é esse terreno em que os interesses humanos podem exprimir-se, em termos de cultura subjetiva, assumindo feições lúdicas, dramáticas, proxêmicas e estilizantes da existência, permitindo ao indivíduo exprimir-se, mediante as práticas da conversação, da coqueteria, da sociabilidade do salão, das exposições, etc. de forma diversificada e escapar à interação homogênea com os outros (p. 70), trazendo ao indivíduo “um sentimento de libertação e alívio” (p. 82). Esse capítulo apresenta de forma admirável o paradigma estético, lúdico, simbólico, espiritualista da análise social simmeliana, a dramaturgia das formas de sociabilidade.

O último capítulo, “Indivíduo e sociedade nas concepções de vida dos séculos XVIII e XIX (Exemplo de sociologia filosófica)”, completa aquela dialética entre cultura subjetiva e cultura objetiva mencionada no capítulo 2, apresentando as duas concepções de individualidade engendradas pelo modelo civilizatório ocidental: o individualismo quantitativo do século XVIII, organizado pela conjunção das idéias-valor da igualdade e da liberdade, como forma de livrar o indivíduo das amarras sociais (p. 91); e em seguida o individualismo qualitativo do século XIX, no qual aquela conjunção entre igualdade e liberdade mostrou-se não só irrealizável, mas antes, excludente, cabendo escolher por uma das duas exigências. O socialismo, seria, no limite, a adesão ao primeiro

valor, em detrimento do segundo e, no outro extremo, o dinheiro e os derivados da economia monetária (liberalismo, livre concorrência), seriam a opção pela liberdade em detrimento da igualdade.

De todo modo, o que se configura nessa análise é a disjunção entre o social e o humano que norteia o pensamento ético de Simmel, projetando nova luz sobre a “ética do indivíduo” (p. 85), na qual “a perfeição do indivíduo seja um valor objetivo”. O indivíduo não sendo posse da sociedade, buscará, nas formas sociais, modos de exprimir “sua força e excelência”, e o “trabalho sobre si mesmo” (p. 86) não deve ser visto tanto como força anti-social, mas como modo de aperfeiçoamento dessas formas de interação social e de nosso querer artista, acrescentando um *mais-de-vida*, um *máximo-de-vida* (*Mehr-Leben*) aos descaminhos que tem caracterizado a tragédia da cultura moderna até nosso presente.

Possa essa “pequena sociologia”, com o desafio e a aposta que nos dirige ainda depois de 90 anos, re-alimentar nossa cultura sociológica de uma vontade de potência e reativar as possibilidades de pluralismo e democracia de uma cultura subjetiva para os dias de hoje, segundo a qual viver a vida, de preferência de maneira bela, possa não ser uma questão menor..

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GIDDENS, Anthony. Georg Simmel. In: RAISON, Timothy. (org.). *Os precursores das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.

LUKÁCS, G. Posfácio à memória de G. Simmel. In: SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MAFFESOLI, Michel. O paradigma estético (a sociologia como arte). In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. (org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 2005.

MORAES FILHO, Evaristo. Introdução. In: SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUFPA, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo : Editora 34, 2000.

A questão da individualidade moderna na sociologia menor de G. Simmel

**THE ISSUE OF MODERN INDIVIDUALITY IN
THE MINOR SOCIOLOGY OF G. SIMMEL**

**LA QUESTION DE L'INDIVIDUALITÉ MODER-
NE DANS LA SOCIOLOGIE MINEURE DE G.
SIMMEL**